



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 13, n. 1, p. 20-33, jan./abr. 2018

**O funcionamento da metáfora no discurso jornalístico de revista:
temas sindicais em *Veja* e *Revista do Brasil***

**El funcionamiento de la metáfora en el discurso periodístico de la re-
vista:
temas sindicais en *Veja* y *Revista do Brasil***

**The functioning of metaphor in the magazine news speech:
trade union themes and *Veja* and *Revista do Brasil***

Patrícia R. Schuster

Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Doutora em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista FAPERGS. Jornalista e mestre pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). pati.jornalista@gmail.com

RESUMO

O artigo discute o funcionamento da metáfora no jornalismo. Procuramos, amparados na Análise de Discurso, de corrente francesa, estabelecer uma ponte analítica entre a metáfora como figura de linguagem e o conceito de metáfora como processo metafórico. Empreendemos nossa pesquisa a partir de dois lugares de fala distintos: revista *Veja* e *Revista do Brasil*. É neles que verificaremos como a metáfora artifício discursivo trafega entre os polos parafrásticos e polisêmicos (estabilização ou ruptura de uma ordem de sentidos) ao narrar temas sindicais e observaremos se esse movimento redundava num estímulo ao perfil autoritário do discurso jornalístico.

Palavras-chave: Jornalismo; Metáfora; Revista *Veja*; *Revista do Brasil*; Sindicalismo.

RESUMEN

El artículo describe el funcionamiento de la metáfora en el periodismo. Hace buscado con apoyo en el análisis del discurso, de corriente francesa, establecer un puente analítica entre la metáfora como una forma de expresión y el concepto de la metáfora como proceso metafórico. Llevamos a cabo nuestra investigación a partir de dos lugares del habla diferentes: las revistas *Veja* y *Revista do Brasil*. Es en ellos que va a comprobar cómo la metáfora artifício discursivo viaja entre postes parafrásticos y polisémicos (estabilización o rotura de una orden de sentidos) para narrar problemas de la unión y observar si este movimiento redundava en un estímulo para el perfil autoritario del discurso periodístico.

Palabras clave: Periodismo; Metáfora; Revista *Veja*; *Revista do Brasil*; El sindicalismo.

ABSTRACT

The article discusses the functioning of metaphor in journalism. Based on French Discourse Analysis, we seek to establish an analytical bridge between metaphor as a figure of language and the concept of metaphor as a metaphorical process. We undertook our research from two different speech sites: *Veja* and *Revista do Brasil*. Through this two magazines will be checked how the metaphor discursive artifice travels between paraphrastic and polysemic poles (stabilization or breaking of an order of senses) to narrate union issues and observed if this movement redundates a stimulus to the authoritarian profile of journalistic discourse.

Keywords: Journalism; Metaphor; *Veja* magazine; *Revista do Brasil*; Syndicalism.

Introdução

Neste artigo apresentamos algumas das conclusões a que chegamos ao investigar o funcionamento da metáfora no jornalismo. Como parte dessa proposta, analisamos quais são os aspectos que diferenciam a presença deste artifício discursivo em lugares de fala distintos, como são os de *Veja* e *Revista do Brasil*, como ele trafega entre os polos parafrásticos e polisêmicos (estabilização ou ruptura de uma ordem de sentidos), ao narrar temas sindicais, e se esse movimento redundava num estímulo ao perfil autoritário (conceito tratado abaixo) do discurso jornalístico.

Antes de darmos materialidade a nossa discussão (com alguns exemplos que extraímos das duas publicações), compete-nos aclarar as duas principais questões conceituais que pautaram nossos debates. Primeiro: a metáfora é tida como um dos elementos centrais da narrativa jornalística. Entendemos, a partir da corrente teórica a que nos vinculamos – Análise de Discurso (AD) de matriz francesa –, que esse processo é movimentado por sentidos. E se há deslocamento, há metáfora, se usarmos a terminologia de Michel Pêcheux. Sob estes preceitos, portanto, é que tensionamos um e outro: a metáfora da AD e a metáfora como figura de linguagem, ou melhor, a atuação da metáfora nas metáforas.

Segundo: operacionalizamos a análise das revistas *Veja* e *Revista do Brasil* (RB) com base no conceito lugar de fala, a partir de Orlandi (2012a). Ele nos serviu de instrumento – teórico e metodológico – para diferenciar duas publicações com explícita materialidade jornalística (é assim que se enunciam) e que, assumidamente, falam de lugares distintos, concedem à palavra sindical modos desiguais de representação.

Desvelamos que as metáforas substanciam a qualidade autoritária do discurso jornalístico. Ou seja, ele “vende-se” apenas como simples “mediador” do mundo, já que se ampara no preceito da objetividade, mas é nesse falar sobre que sentidos vão sendo empilhados e reduzidos a conhecimentos incontroversos. A retenção de sentido das metáforas ratifica a sua contribuição para que o discurso jornalístico se apresente nesta feição, haja vista que os saberes são limitados a um dizer que é facilmente demonstrado – por meio de metáforas –, todavia, este dizer é parafrástico.

Os sentidos e seus indícios iniciais

Como nossas diretrizes analíticas privilegiam o funcionamento de uma forma linguística – a metáfora, deslocamos nosso estudo para o domínio do discurso. É nele, nas relações históricas e ideológicas que ele engendra, que encontramos respostas para as dúvidas levantadas neste trabalho. Para tanto, nossa ação preliminar pediu o mapeamento dos sentidos. Aí não só das expressões metafóricas, mas de todo o texto das reportagens que constituíram nosso *corpus*¹. O foco deste primeiro ato foi subsidiar o diagnóstico da atuação das metáforas no discurso jornalístico das duas publicações: se elas contribuem para os sentidos, de que modo cooperam (reforçando, explicando...) ou se constituem como pontos de fuga em relação a esta produção semântica.

Esse processo, que deu conta da totalidade dos textos que compunham o *corpus*, nos indicou que *Veja* discursiviza sobre sindicalismo a partir de sete Famílias Parafrásticas (FPs), as quais filiaram-se a duas Formações Discursivas (FDs). Executamos a mesma ação para a *Revista do Brasil*. Dez FPs, amparadas por três FDs, resumem a produção semântica da publicação acerca do tema.

Quadro 1 – Síntese da produção de sentidos sobre sindicalismo da revista *Veja*

REVISTA VEJA	
FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD1)	Discurso desqualificador
FAMÍLIAS PARAFRÁSTICAS	FP1 – Modelo sindical é ultrapassado FP2 – Sindicalismo está desvirtuado FP3 – Greves, protestos e ações sindicais são ilegítimas FP4 – Sindicalistas e seus pares são do pior espécime FP5 - Violência e agressividade imperam no sindicalismo
FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD2)	Discurso transigente
FAMÍLIAS PARAFRÁSTICAS	FP6 – Sindicalismo em outros países é melhor FP7 – Radicalismo não é a saída para o movimento sindical

Quadro 2 – Síntese da produção de sentidos sobre sindicalismo da *Revista do Brasil*

REVISTA DO BRASIL	
FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD3)	Discurso do Sindicalismo Combativo
FAMÍLIAS PARAFRÁSTICAS	FP8 - Prática sindical é de resistência FP9 - Greves, protestos e manifestações são legítimos e valorosos FP10 - Classe política age de maneira sorrateira ao tratar questões dos trabalhadores FP11 - Empresas e empresários desfavorecem trabalhadores FP12 - Políticas neoliberais são prejudiciais aos trabalhadores FP13 - Discurso da mídia é contra a classe trabalhadora
FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD4)	Discurso do Sindicalismo Negociador
FAMÍLIAS PARAFRÁSTICAS	FP14 - Negociar é a melhor saída FP15 - Governo do PT pode ser aliado
FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD5)	Discurso do Sindicalismo Defensivo
FAMÍLIAS PARAFRÁSTICAS	FP16 - Não somos pelegos FP17 - Centrais sindicais estão divididas

Como parte de uma ação integrada à análise geral, a seguir, cotejamos as metáforas a este resultado.

O funcionamento da metáfora como figura de linguagem na revista *Veja*: reforçar para congelar

A análise dos sentidos nas reportagens sobre sindicalismo no discurso da revista *Veja* nos ofertou um panorama detalhado de como o veículo discursiviza o assunto. Ao comutarmos nosso foco para as metáforas – presentes em número expressivo nos textos da revista² – topamo-nos com as marcas de seu funcionamento. A primeira delas é que: elas não são só mais um elemento do discurso jornalístico. Vimos que, de maneira oposta ao que diz o lugar comum e até mesmo o jornalismo de revista, que prega a sua prestabilidade estética, elas assumem uma importância decisiva.

Aliás, podem até parecer simples registros “lúdico-estéticos”, se assumirmos a perspectiva de Gomes (1995, p. 78), acrescentando que “[...] os textos devem ser curtos, em ritmos argumentativos cada vez mais lineares, em percursos de exposição conhecidos e familiares e, sobretudo, com o máximo de beleza plástica [...]”, mas esta é apenas uma das camadas discursivas que as recobrem. No discurso jornalístico da revista *Veja*, elas funcionam da seguinte maneira: reforçar para congelar. São como uma espécie de “avatar” do seu lugar de fala e das FDs que pavimentam o seu discurso.

Elas “encarnam” esse lugar, que é de “poder mostrar”, “poder dizer” e “poder analisar” (Vizeu, 2009), como quem quer *fazer crer*. O *fazer saber*, que corresponde à visada *informativa* (Charaudeau, 2012, p. 69, grifo do autor), faz parte da elocução do veículo, mas, quando a fala é metafórica (via figuras de linguagem) ele fica em segundo plano frente aquela que o autor chama de visada *incitativa*, que “[...] consiste em querer ‘fazer crer’, isto é, querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro)” (Charaudeau, 2012, p. 69, grifo do autor). Essa visada está ligada à captação do público. Ela apela para o emocional, metodiza suas estratégias a partir das crenças que circulam em cada comunidade.

Em desacordo com que o apurou Zamponi (2009, p. 323), que discutiu a presença da metáfora em textos de divulgação científica e/ou de popularização da ciência e chegou à conclusão que “[...] no discurso especializado, a metáfora constrói uma teoria; no de popularização, explica uma teoria”, constatamos que, em *Veja*, ela não segue a regra da “explicação”. A revista cria, com a cooperação das metáforas, uma “teoria” para o sindicalismo brasileiro.

Para sermos mais claros: quando *Veja* trata de assuntos sindicais, ela ocupa um lugar de fala de quem os “populariza” – de quem fala do sindicalismo e não de quem é especializado em sindicalismo, tal qual a *RB*. Ao invés de meramente explicá-los, as expressões metafóricas ajudam a construir uma “teoria³” desqualificadora (os sentidos vão quase todos ao encontro da FD1) para o sindicalismo. A metáfora é o signo que avigora o ânimo desta “teoria”.

Como faz isso? Reforçando o sentido das FPs. A expressão metafórica, ao “[...] querer levar o outro a pensar que aquilo que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro)” (Charaudeau, 2012, p. 69), age, na publicação de maior tiragem do país, programada para, mais que dizer, convencer que o sindicalismo (seu modelo, suas ações, seus agentes) é prática vã. Nesse sentido, a metáfora, ao jogar o discurso jornalístico nos braços da

imaginação, de algo cuja fachada é fruitiva, engessa-o, acorrenta-o – ainda mais, já que o jornalismo como um todo tende a uma fala autoritária (Mariani, 1998) – à FD1.

As pistas que nos sugerem este funcionamento discursivo decorrem da observação que realizamos junto às FPs, pois é sobre elas que a metáfora faz crer, recontextualizando situações sindicais. *Veja* como isso ocorre a partir da FP Modelo sindical é ultrapassado.

Quadro 3 – Funcionamento da metáfora em *Veja* a partir da FP1

Família Parafás-tica	Enunciado Metafórico	Funcionamento
FP1 - Modelo sindical é ultrapassado	<p style="text-align: center;"><i>A triste face no neopeleguismo</i> SDMV01⁴</p> <p>A atual legislação sindical brasileira, que tem origem no Estado Novo getulista, está a <i>anos-luz</i> dos mecanismos hoje existentes em países avançados. SDMV02</p> <p>As medidas propostas pelo governo Lula, em vez de modernizar o <i>encarquilhado sindicalismo brasileiro</i>, aumentarão os privilégios da República Sindical – pagos pelo contribuinte e à custa do suor dos trabalhadores. SDMV03</p> <p>Mesmo com seu <i>figurino fora de moda</i>, o sindicalismo nacional ganha cada vez mais espaço e dinheiro – o que, mais uma vez, coloca o Brasil na contramão da história. SDMV04</p>	Reforço do sentido da FP e congelamento do discurso

As metáforas acima não querem apenas *fazer saber* (explicar) sobre o modelo sindical vigente, elas *fazem crer* que, realmente, existem motivos para o leitor acreditar que ele seja ultrapassado. Elas não difundem um conhecimento qualquer sobre sindicalismo. Elas difundem um conhecimento que vem modulado pelo lugar de fala que *Veja* ocupa e pela FD1, que delimita o seu discurso.

Reconhecemos a produção desse efeito não só pelas expressões metafóricas dizerem, relatarem aspectos inerentes ao sindicalismo. Todas elas adjetivam (*triste face* - SDMV01; *anos-luz* - SDMV02; *encarquilhado* - SDMV03; e *figurino fora de moda* - SDMV04) o padrão sindical, ofertam a ele uma nova feição.

Grigoletto (2000, p. 22), ao pesquisar como atua a metáfora no discurso colonial britânico, descobriu que ela proporciona um efeito de “congelamento dos sentidos”. A autora chegou a tal resultado ao notar que “[...] são as figuras e outros termos que têm sentido figurado por significarem a partir da metáfora conceptual que provocam esse congelamento e, conseqüentemente, de universalização dos sentidos”.

As metáforas, no discurso da revista *Veja*, também repetem este efeito: de sedimentação dos sentidos, de estabilização – se nos detivermos no quadro anterior – de uma memória derrotista para o modelo sindical. Asseguramos isso não a partir da teoria de Lakoff e Johnson, e é só esse ponto que nos afasta de Grigoletto (2000), mas porque os sentidos das expressões metafóricas repetem o sentido nuclear da FP. As metáforas, no jornalismo de

Veja, são formas que o enunciador usa para dizer *a mesma coisa* (Grantham, 1999, grifo da autora).

É nesta *mesma coisa* com “cara” de outra coisa “[...] que a ideologia se mostra mais ‘transparente’. Transparência que provoca um efeito de convencionalidade e mesmo literalidade dos sentidos: efeito de sentido absoluto, universal” (Grigoletto, 2000, p. 24). O efeito de literalidade é vital para o discurso jornalístico. As metáforas, logo, não só agigantam este efeito, como, ao fazer o sentido estagnar, convergem para a reafirmação dos discursos homogeneizantes que a mídia – *Veja*, por radicar a maior parte do seu discurso na FD1, é membro desta mídia – distribui. Há nisso um claro desejo de controle sobre o desvio dos significantes.

O funcionamento da metáfora como figura de linguagem na *Revista do Brasil*: reforçar para congelar

O percurso de verificação dos sentidos nas reportagens sobre sindicalismo, que também se repetiu na *Revista do Brasil*, nos desvendou como a publicação sindical fala sobre o tema, que, por sinal, apresentou-se de maneira transversal (e não central, como em *Veja*, em grande parte delas)⁵. Foi esse trabalho preambular que nos propiciou entender como as metáforas funcionam nesse discurso.

A primeira constatação que fizemos é que elas habitam o discurso da *RB* em número mais reduzido do que em *Veja*. Se na revista da Abril elas são abundantes no texto, na da editora Atitude, a presença de expressões metafóricas é mais esparsa, mais “túmida”.

A segunda é que na *Revista do Brasil*, como em *Veja*, a metáfora não opera como um imaculado atavio jornalístico. É uma célula de apelo estético, mas, tanto lá, quanto aqui (na *RB*), ela desencadeia um fenômeno discursivo com grande talento complexificador, que atua no mesmo compasso do lugar de fala ocupado por cada publicação.

Em *Veja*, verificamos que a metáfora funciona reiterando os sentidos das FPs. Na *Revista do Brasil*, detectamos que a dinâmica é a mesma. O que muda são as FDs a qual o discurso se filia.

Na realidade, os sentidos produzidos pelas metáforas funcionam na *RB* na produção de um contra-discurso para o sindicalismo (foi isso que percebemos através da análise dos sentidos, de um modo geral). É através dessas “simplórias partículas” que o discurso cria algumas linhas de fuga, em relação ao posicionamento dominante da grande imprensa. São quase uma “tática de guerrilha”, para imitar Prado (2013, p. 23), que na *RB* resultam num discurso que tende à resistência, típica do lugar de fala que a revista forja para si, ainda que outras FDs (FD4 - discurso do Sindicalismo Negociador – e FD5 discurso do Sindicalismo Defensivo) – soprem ventos pertuRBadores.

Exibimos, seguindo o mesmo protocolo justaposto à *Veja*, como isso se apresenta na *RB* a partir da FP *Prática sindical é de resistência*.

Quadro 4 – Funcionamento da metáfora na *Revista do Brasil* a partir da FP8

Família Parafrás-tica	Enunciado Metafórico	Funciona-mento
FP8 – Prá-tica sindi-cal é de re-sistência	<p>O acordo foi assinado três semanas após a 3ª Marcha Nacional do Salário Mínimo a Brasília organizada pelas centrais no dia 6 de dezembro - e depois de uma <i>dura queda de braço</i> ao longo das reuniões com o governo. SDMRB5</p> <p><i>A guerra</i>, porém, não acabou. SDMRB6</p> <p><i>Batalhas</i> agora continuam sendo travadas no Congresso. SDMRB7</p> <p>“A polícia reprimia, mas não nos intimidava. Tínhamos <i>fibra</i>”, lembra Consuelo de Toledo Silva, a primeira mulher a integrar a direção do Sindicato dos Bancários de São Paulo, na eleição ocorrida em 1956. SDMRB8</p> <p>“Se o trabalhador não <i>põe o pé na porta</i>, prevalece a lógica patronal de dar o mínimo”, avalia o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre. SDMRB9</p> <p>“Faça todas as <i>brigas</i> que tiver de fazer, internamente, mas quando terminar <i>a CUT tem de ir pra rua. A CUT não nasceu para ficar dentro de um prédio.</i>” SDMRB10</p>	Reforço do sentido da FP e congelamento do discurso

O primeiro aspecto a ser notado nestas expressões metafóricas é que elas produzem efeitos de sentidos que estabelecem um compartilhamento discursivo entre enunciador e leitor. Elucidando: a *queda de braço* – SDMRB5, a *guerra* – SDMRB6, as *batalhas* – SDMRB7, a *fibra* – SDMRB8, o *pé na porta* – SDMRB9 e as *brigas* – SDMRB10 só adquirem sentidos de resistência, logo averbados pela FD3, do discurso do Sindicalismo Combativo, porque o lugar institucional da *RB*, que pesa no seu lugar de fala, não é tão somente dizer do mundo sindical, é ser parte deste mundo. E para ser parte dele, ela há de fazer o papel de “máquina de guerra”, repetindo Prado (2013).

O outro aspecto é que elas recontextualizam um determinado conhecimento – o da prática sindical - nas margens da FD que o abriga (FD3). *Guerra, batalha, pé na porta* e as demais expressões só não estão a desqualificar o movimento sindical – como vimos em *Veja* – porque aqui (na *RB*) elas fazem sentido a partir de outra região discursiva. Emprestamos de Pêcheux (1997, p. 53) um fragmento que se aplica ao que estamos observando: “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]”.

A metáfora, unida pelo pacto discursivo que estabelece com a FD, faz com que as expressões da FP restaurem seu sentido – de que a prática sindical é de resistência. Mais que

mera informação, elas querem *façer crer* que as reivindicações do movimento sindical são justas, que o seu caráter classista se mantém.

O jornalismo e seu discurso, todavia, segue a padecer às injunções da língua. Língua esta que “[...] nos ‘obriga a dizer’, como afirmou Barthes (1980), mas seu efeito é provocar em nós a ilusão inversa, ou seja, de que a dominamos” (Mariani, 1998, p. 65). Mesmo que as metáforas na *RB* assumam, pelos sentidos que produzem, uma atitude dissidente, o discurso jornalístico da *RB* segue, ao cometer um corte arbitrário do “real”, a impor um modo de raciocínio – o seu modo, eternizado nas FDs que permeiam o seu discurso – para o sindicalismo.

O funcionamento da metáfora em *Veja* e *RB*: uma síntese

Ao nos dedicarmos exclusivamente às expressões metafóricas notamos, de pronto, uma padronagem de funcionamento nas duas revistas. Em ambas, os sentidos das metáforas reforçam as FPs e congelam o discurso.

Detalhando: em *Veja*, as metáforas que dizem de temas sindicais produziram um discurso repetível e parafrástico, pois os sentidos se constituíram a partir de uma única base referencial: da FD1. Não localizamos metáforas que dessem sustentação à outra FD (FD2). Ocorre que o mesmo sentido passeia por diferentes formas – diferentes metáforas – a fim de garantir uma constância semântica negativa para o sindicalismo, para os sindicalistas e suas ações.

Com isso, o sindical – nas suas finas páginas de *couché* – vai ganhando propriedades humanas (*triste face*), animais (*dóceis com o governo*), entre tantas outras, numa costura com as metáforas que impõe uma pseudo transitoriedade ao discurso. Pseudo, porque os sentidos das expressões metafóricas seguem a reforçar a desqualificação do mundo sindical, tal qual ela brotasse – como reconheceram Tfouni e Romão (2004, p. 262)⁶ – “[...] sem reação, sem causas e sem motivos econômicos. O processo de naturalização de sentidos promovido pela ideologia dominante surge aqui com toda a sua força excludente e silenciadora”.

A polissemia do sindicalismo brasileiro é contida no veículo não só pela previsibilidade dos signos que compõe a reportagem como um todo – como vimos na análise geral dos sentidos (texto) –, mas, de modo crucial, pela imprevisibilidade e liberdade das aproximações que as metáforas estão dispostas a tecer. Um fortuito que, em *Veja*, reside apenas na forma em detrimento do sentido.

Na *Revista do Brasil*, o funcionamento das metáforas é o mesmo de *Veja*: os sentidos, em sua maioria, gravitam em torno de redes parafrásticas. Há, todavia, algumas objeções em relação ao primeiro veículo.

Uma delas é que quase todo o discurso da *RB* – corroborado pelas expressões metafóricas – pode ser tipificado como um contra-discurso. O lugar de fala da revista sindical é o do próprio sindical, por isso, mesmo que ela comungue de algumas condições jornalísticas comuns a *Veja* (referimo-nos ao fato de ambas produzirem jornalismo – uma de revista e a outra sindical), é dela a prerrogativa de promover uma contraposição discursiva.

Duas Formações Discursivas (FD3 – Discurso do Sindicalismo Combativo – e FD4 – Discurso do Sindicalismo Negociador), das três observadas no exame geral dos sentidos, fomentam uma leitura parafrástica do meio sindical. Adulteram-se as formas (expressões metafóricas), mas os sentidos permanecem a honrar um “[...] mesmo espaço dizível: produz[em] a variedade do mesmo” (Orlandi, 2012a, p. 37).

Há, no entanto (e essa é talvez a maior distinção do funcionamento das metáforas quanto a *Veja*) um instante em que o sentido, na *RB*, mais uma vez acompanhado de algumas expressões metafóricas, provoca o deslizamento de uma discursividade cristalizada. Quando a *RB* – e suas metáforas – passam a acudir a Formação Discursiva do Discurso Sindical Defensivo (FD5), algo “inusitado” acontece. Dá-se uma ruptura do funcionamento “ordinário” do discurso do veículo sindical.

Não faz parte do horizonte do dizer da *RB*, cujo lugar de fala está impregnado da memória combativa do Novo Sindicalismo, liderado pela CUT, tentar escusar-se ou admitir as mazelas do sindicalismo contemporâneo. Os sentidos das metáforas transgridem um domínio de “coisas” fixas. Eles produzem um discurso interdito e polissêmico.

São proibidos, porque desarrumam o imaginário social de uma postura sindical ideal, incitada, no Brasil, sobremaneira, com a formação da CUT, nos idos dos anos de 1980. Para Foucault (1996, p. 09)

[...] sabe-se bem que não se tem direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar.

A polissemia, conseqüentemente, na *RB*, se materializou nos sentidos condensados nas FP16 e FP17 – refugiadas na FD5, pois elas evitaram enfrentar o discurso dominante, reunido em *Veja*, com vantagem, na FD1. Elas abstiveram-se diante desse código discursivo. Com o consentimento do jogo metafórico, expressaram um conflito entre o garantido, o institucionalizado, o legitimado – o sindical combativo e negociador – e aquilo que se quer garantir, se legitimar, se institucionalizar: um subterfúgio para amenizar as incertezas que se multiplicam no âmago do sindicalismo.

As metáforas agrupadas pela FD5 são a *falha*, de que fala Pêcheux (2009), no ritual discursivo da *Revista do Brasil*. Elas desmantelam “[...] a regularidade do sistema naquilo que é dado como o seu centro, no nó da consistência/completude” (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 149). Elas redundam numa mexida nas fileiras dos sentidos “bem acomodados” (Daltoé, 2012) da “língua” que a *RB* deve e pode falar. Consistem numa ameaça, numa subversão, já que violam o seu lugar de fala licenciado como o de espelho sindical (cutista).

O discurso jornalístico, mediante tal exposição, não tem – seja em *Veja*, seja na *Revista do Brasil* (exceto por um único momento) – na metáfora uma aliada. Em ambos os lugares de fala, ele é aprisionado – em sua maioria – pelas expressões metafóricas.

Prevíamos, inicialmente, que elas não fossem somente algarismos de leveza ou genuínas fórmulas com qualidade estética apurada. De fato, não são. Entretanto, é nestas condições, de beleza plástica, que o encarceramento do discurso jornalístico é ainda maior.

A objetividade, a imparcialidade – qualidades sustentadas pelo jornalismo em geral e pelas duas revistas analisadas – coloca em situação de contraste a lógica pedagógica desse discurso – que é de um *falar sobre* (Mariani, 1998) – e a lógica “lúdica”. É esse “mito” que o funcionamento da metáfora nas revistas *Veja* e *Revista do Brasil* – sobre temas sindicais – vem desfazer. A vontade de chamar a atenção do destinatário é da essência das expressões metafóricas. Os sentidos a que elas conduzem nas duas atmosferas jornalísticas devem provocar

descrédito para com o movimento sindical (FD1), ou confiança (FD3), ou uma certa paciência (FD4) e dúvida (FD5). A fruição é projetada com vistas a dilatar estes efeitos junto aos leitores. O que era para ser só entretenimento ou estilo é onde o sentido mais age na reclusa do discurso jornalístico, confirmando a sua condição autoritária.

A diferença no impacto metafórico de uma revista para outra é a seguinte: em *Veja* o funcionamento das metáforas é exclusivamente autoritário⁷. Na *Revista do Brasil*, o autoritarismo predomina, já que em um momento há polissemia e, além do mais, há mais Formações Discursivas em atividade (do que na publicação da Abril), o que denota que há diferentes posições em funcionamento.

As duas publicações defendem uma “verdade absoluta” para o sindicalismo – e as metáforas assistem essa produção. Há uma completa restrição dialógica entre locutor e interlocutor. As expressões metafóricas fazem vez a uma forma amigável, aproximativa (por isso, despertam tamanha curiosidade), mas são, na realidade, nessas formas “camufladas” que os sentidos exercem todo o seu poder de dominação.

Sob a aparência da coloquialidade a que elas convidam, abrigam-se afirmações categóricas, que, disponibilizadas para a audiência por meio de um código comum, tendem a ampliar seus efeitos de identificação entre enunciador/enunciário. Na apreciação de Orlandi (1996, p. 30), o discurso pedagógico – agregarmos nós o autoritário – não se resume a discussão maniqueísta “verdadeiro x falso”. [...] a apresentação das razões em torno do referente se reduz ao é-porque-é. O que se explica é a razão do é-porque-é e não a razão do objeto de estudo”.

Em *Veja*, as metáforas executam um *consumo distraído* (Gomes, 1995, p. 78, grifo do autor), aprazível da informação, que é, ao mesmo tempo, inquestionável do quem vem a ser o sindicalismo contemporâneo. No discurso da revista, ele é o retrato do atraso, de sindicalistas que “[...] são os verdadeiros minotauros devoradores da civilização democrática e neoliberal” (Tfouni; Romão, 2004, p. 261)⁸. Desse lugar de fala, *Veja* faz o enunciário ver e saber do mundo sindical por esta janela, enquanto uma espécie de “não-*Veja*” segue a funcionar, silenciando para os seus milhões de leitores tantas outras situações em que as organizações sindicais e os que dela fazem parte ocupam outros papéis.

A justificativa de que os fatos falam por si plasma todas as demais vozes presentes nas reportagens. Há uma ilusão de reversibilidade (Orlandi, 2012a), pois quem fala – inclusive através de signos que hipoteticamente ofertariam maior interação, tais quais as metáforas – é sempre a voz do acontecimento, mesmo que seja por meio de seus representados (o jornalista, as fontes). Não há, nesse sentido, interação real. Esse desnivelamento entre aquele que pode dizer dos fatos (o discurso jornalístico) e aquele que está ávido por deles saber (o enunciário) intensifica a marca autoritária do jornalismo. O leitor de *Veja* ou crê nas informações prestadas pelo interlocutor licenciado a falar dos fatos em troca de ser um “homem bem informado” (essa condição é inerente ao seu *ethos* discursivo) e não seguidor do “desqualificado” mundo sindical, ou viverá nas trevas da ignorância.

Na *Revista do Brasil*, ainda que os sentidos das metáforas subvertam a lógica sindical noticiada por *Veja*, eles não rompem a lógica do funcionamento do discurso jornalístico autoritário. É possível notar que elas desmistifiquem uma das pechas que, na acepção de Vieira (2000), incapacita a comunicação sindical: o hermetismo presente na produção dos seus conteúdos, mas, na *RB*, elas tão somente colaboram para o rebatimento de uma “ver-

dade”, tentando sobrepor-la com outra “verdade”, que também tende à monossêmia. Os sentidos das expressões metafóricas param e, ao invés de renovarem o discurso, abrirem lacunas, eles reiteram a condição de “textos cegos”, para usarmos um termo de Resende (2009), já que elas se negam a rivalizar com a ordem estatuída. A sua forma parece ruidosa (Resende, 2009), mas a *metáfora* pecheutiana volta a reafirmar que isso é só efeito.

Quando ainda há um sinal de polissemia, os sentidos correm em fuga (Orlandi, 2012b) para uma FD – a FD5 – que, *a priori*, estaria mais perto do discurso de *Veja*. Ao tentar encontrar razões para os problemas que molestem o movimento sindical brasileiro – essa é a medula discursiva da FD5 – admite-se que eles existem e que, em última instância, podem desqualificá-lo (FD1). Esse traço não nos permite dizer que aí se tenha desestabilizado a propensão autoritária do discurso jornalístico.

As metáforas são ventríloquos do lugar de fala das revistas *Veja* e da *Revista do Brasil*. Elas projetam a sua voz no discurso jornalístico de maneira que o “som” pareça vir de outra fonte. Os fatos, com elas, ganham uma carga corporal concreta, e, avesso ao que prega o jornalismo, que isso poderia torná-los disponíveis para toda espécie de novo sentido, de novo investimento simbólico, é ali que acontece o controle do deslocamento de significantes. O discurso jornalístico é reconduzido ao “cárcere privado”, aos mesmos sentidos. Reconduzido, porque os demais suportes linguageiros já o levam a tal situação.

O paroxismo autoritário se exaspera na presença das expressões metafóricas porque elas parecem solicitar nada mais que um efeito poético. “Um bom ‘poeta’, entretanto, é aquele que domina a tal ponto a sua arte que o seu produto, a representação poética teatral (a enenação) ou narrativa, desencadeia um efeito específico no ânimo do leitor” (Gomes, 1995, p. 72). O efeito, quando se tratam dos dois lugares de fala em destaque neste artigo e, neles, a abordagem de temas sindicais, é de gozo, distração, mas não para quebrar a “lógica pedagógica” (Gomes, 1995) do discurso jornalístico. Os sentidos mostram que é para constringi-lo.

A metáfora, com base nas experimentações feitas até aqui, funciona como uma *camisa-de-força* *no e do* discurso jornalístico das revistas *Veja* e *Revista do Brasil*.

Considerações finais

As metáforas, por meio do tipo de funcionamento que nos propusemos aqui discutir, consolidam a condição autoritária do discurso jornalístico. Perenizam um saber único, monossêmico sobre sindicalismo (ou quase isso, já que no caso da *Revista do Brasil* há algumas aberturas para a polissemia). O jornalismo – nos dois lugares de fala – é o domínio da certeza, do imperativo categórico que revela um saber supremo. A diminuição da assimetria, ou a aproximação que as expressões metafóricas procuram provocar no interlocutor é aparente, visto que o discurso segue a dar voz a uma fala segura e autossuficiente, que não se abre para outros dizeres, além daqueles modalizados pelas FD1 (*Veja*), FD3 e FD4 (*Revista do Brasil*).

A *metáfora* (processo metafórico) pecheutiana desvenda tudo aquilo que está desfocado e confirma que as expressões são espelhos de um devir que a distancia da simples promessa estética, feita pelo jornalismo, sobretudo, o de revista.

Recebido em: 26 nov. 2016

Aceito em: 15 nov. 2018

1 Na tese, cujos resultados estão sendo expostos neste trabalho, examinamos 52 reportagens. Da revista *Veja* foram 24 e da *Revista do Brasil* 28. Consideradas as limitações de artigos científicos, extrairemos apenas alguns exemplos que lá foram empregados para análise.

2 Quase todas as 24 reportagens da revista contêm metáforas do título ao último parágrafo do texto.

3 A autora pesquisou como o uso da metáfora opera uma recontextualização do conhecimento especializado num texto publicado no jornal Folha de São Paulo (Zamponi, 2009).

4 SDMV é a sigla de Sequência Discursiva Metafórica *Veja*.

5 Enquanto em *Veja* o sindicalismo aparece de uma maneira clara, é possível perceber: “aqui a revista está tratando de temáticas sindicais”, já que os indicativos são ostensivos (títulos contendo a palavra sindicalismo, fotos abertas de sindicalistas...), na *RB* o sindicalismo se dilui. Se dissolve, porque o sindical é constitutivo do seu dizer, do seu lugar de fala. Isto é, na *Revista do Brasil* tudo é sindicalismo e todos os assuntos recebem uma angulação cuja origem é o jornalismo sindical.

6 As autoras se reportam ao MST. Contudo, nosso estudo prova que *Veja* adota a mesma lógica para o movimento sindical.

7 É exclusivamente autoritário porque - voltamos a lembrar - não foram encontradas metáforas que dessem sustentação a FD2, por exemplo.

8 As autoras usaram tais termos para definir os membros do MST, mas as nossas análises comprovam que *Veja* produz os mesmos sentidos para as lideranças sindicais e/ou envolvidos com a causa.

9 Para Resende (2009, p. 37) existe uma oposição entre textos “cegos” e “ruidosos” no jornalismo. “Os primeiros são aqueles que, por se limitarem às ordens do legitimado discurso jornalístico, não se disponibilizam ao olhar do Outro. Os textos ruidosos são aqueles que, ao fazerem uso de estratégias narrativas complexas – presença explícita do narrador, por exemplo – se lançam às possibilidades de um diálogo”.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

DALTOÉ, Andréia da Silva. **As metáforas de Lula: a deriva dos sentidos na língua política**. 2011. 219p. Tese (Doutorado Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

GOMES, Wilson. *Theathrum Politicum: a encenação política na sociedade dos mass mídias*. In: BRAGA, José L.; PORTO, Sérgio D.; FAUSTO NETO, Antônio (Orgs.). **A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

GRANTHAM, Marlei R. A moral e a ordem do repetível. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Lenadro, (Orgs.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 216-229.

GRIGOLETTO, Marisa. Funcionamento metafórico e construção de identidades no discurso colonial britânico. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, UNB, v. 4, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/viewFile/1289/943>>. Acesso em: 16 abril. 2014.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922 – 1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012a.

_____. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZA, Guilherme; SANTOS, Miriam dos.; SILVA, Telma Domingues da (Orgs.). **Sujeito, sociedade, sentidos.** Campinas: Editora RG, 2012b. p. 11-27.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 2009.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais.** São Paulo: EDUC – FAPESP, 2013.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Galáxia**, PUC-São Paulo, n. 18, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2629/1671>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani; ROMÃO, Lucília Maria Souza. O MST no discurso jornalístico: confronto de posições de formações discursivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, UNICAMP, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1573/1147>>. Acesso em 07 jul. 2015.

VIEIRA, Toni André Scharlau. O descompasso entre o discurso sindical e o trabalho de base também é uma questão de comunicação. In: V Congresso da Associação Latino-americana de Pesquisadores da Comunicação (ALAIC), 2000, Santiago do Chile/Chile. **Anais...** Santiago do Chile/Chile: ALAIC, 2000.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**. PUC, n. 40, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6321/4596>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

ZAMPONI, Graciela. De códigos e livros: a metáfora como estratégia no gênero de popularização da ciência. **Estudos Linguísticos**, Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, n. 38, 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudos-linguisticos/volumes/38/EL_V38N3_25.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014.